Defesa de Espinho

Semanário Regional - Nacionalista

Série V — Ano XIX

N.º 991

DOMINGO 25 Março de 1951

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19 N.º 62 — ESPINHO
TELEFONES — 113 (Cham.) 187 (Residência do Director)

Director, Editor e Proprietário
BENJAMIM DA COSTA DIAS

ADMINISTRADOR M. [illegible]

Comp. e imp. na TIP. ESPINHENSE — R. 14 — ESPINHO (Telef. 187)

PELA PATRIA — POR ESPINHO — [illegible]rençado) [illegible]a C. de Censura

Número avulso: 1$00

A
Câmara Municipal de Espinho
ESPINHO

DEVER CUMPRIDO

O NOSSO Jornal conheceu, já, dezanove primaveras. Caminhos floridos, horizontes côr de rosa, alegrias sem par, ele conheceu, também, duros, rigorosos invernos.

Pela gritaria desabrida de «ventos» contrários, a nossa pequena embarcação tem sido fustigada pelas más interpretações, pelos maus olhados, pela má língua, pela estupidez e pela inveja.

Os mal-entendidos, porém, passam, o «vento» amaina, e o timoneiro tem seguido, atento, mar em fora, afinal, sempre calmo, sempre satisfeito, sempre triunfante.

E' a satisfação do dever cumprido, a segurança e a calma da consciência tranquila, a certeza plena de ter a cabeça em cima dos ombros, cérebro arejado, clarificado, limpo.

Sente o íntimo da Direcção e da Redacção desta gazeta o gosto, o contentamento de ter feito, a dentro das suas funções, tudo o que lhes tem sido possível em prol de Espinho.

Vibrante de patriotismo, tem este periódico dado guarida, insuflando-lhe alma, a todos os projectos e a todas as realidades nacionais, sempre de coração generoso, de espírito bem português, bem imperial.

Democrata, «Defesa de Espinho» tem-se batido, também pela melhor justiça social, pugnando pela solução dos problemas que interessam particularmente ao trabalhador, abrindo as suas colunas ao que solicita, ao que implora, ao que pede, ao que necessita.

Quantas vezes não ficaria no esquecimento, no relaxamento, no capítulo das «maçadas», um alvitre popular que serve de estímulo a determinações superiores, quantas necessidades, quantas misérias se não minorariam se não fosse a luz bendita da imprensa fazendo correr torrentes de verdades, esventrando mentiras, descobrindo maldades, anatematizando vexames, apontando injustiças, autopsiando podridões!?

«Defesa de Esprinho» é um jornal amigo da Verdade e amigo da Justiça.

Doutrinário, este modesto orgão Regional-Nacionalista segue, outrossim, um caminho que, sem rebuço, sem escrúpulo, sem tibiezas ou sem medos, se pode sintetizar na fórmula: «Nada contra a Nação», — «Tudo pela Nação»!

«Defesa de Espinho» é pela indigência, pelo «pobre que mais não tem» e, destarte, com a sua interferência, com o seu espírito caritativo, ajuda, corrige, melhora, auxilia, conforta.

De resto, não é, tudo isto, a súmula das actividades de um porta-voz da Imprensa?

Não é, tudo isto, o que toca o coração de quem trabalha num jornal?

Isto, — que se chama um *Dever*.

E «Defesa de Espinho» tem a convicção de que se tem curvado perante esse Dever com abnegação, com entusiasmo, — quantas vezes com sacrifícios de vária ordem! — tem a grande satisfação, a verdadeira consciência do Dever cumprido!

H. V.

A Verdadeira Ressurreição

NOS tempos escuros e incertos que correm, a humanidade perdeu aquela inalterável serenidade, tão própria das eras pacíficas em que as grandes famílias humanas, as nações, seguiam naturalmente o seu ritmo de vida e davam, no concerto geral das mesmas, provas evidentes de boa vizinhança.

Nações poderosas, num desejo veemente de hegemonia e expansão, entreolham-se em atitudes de vigilância e defesa.

Fala-se na possibilidade e até na certeza duma guerra. Corrida louca para o armamento. A linguagem do dia é puramente bélica.

Fala-se também na paz, a paz fictícia, à sombra de conveniências, estilizada através de conferências, uma paz que não passa duma reacção contra o medo universal.

A luta às claras ou simulada entre imperialismos exagerados e ideias subversivas, em que se degladiam os povos, gera naturalmente o medo, que lança os homens na escuridão da vida, perdidos dos grandes faróis salvadores, como a Religião, a Moral e a Civilização.

É a solução redentora da grande crise, por que atravessa o mundo nos nossos dias, não está na guerra, «estado natural dos homens entre si», como lhe chamou o grande filósofo inglês Hobbes. Nem tão pouco na paz capciosa, diplomática, feita de arma em punho, sob o império do medo.

Na verdade, a grande crise mundial dos tempos modernos só será resolvida, quando os homens, com os grandes ideais da Humanidade diante dos olhos, assentarem numa paz verdadeira, baseada na mais pura caridade cristã. E a guerra será o meio último a utilizar na defesa da Civilização Cristã contra a barbárie dos que fazem do estado senhor supremo, quando de todo os grandes princípios do Cristianismo não forem respeitados.

Ora os homens, cegos mais pelas paixões do que alumiados pelo bom senso, têm agora uma oportunidade rara de caírem em si e de meditarem nos grandes caminhos a seguir.

Essa oportunidade rara é-lhes oferecida pela Igreja, ao comemorar festivamente mais uma Páscoa.

Diante desta data tão festiva, em que se comemora o sublime sacrifício de Jesus pelo bem da humanidade pecadora a vitória do Homem-Deus sobre a morte, o pecado; o advento da Idade Nova e do Homem Novo, o testemunho vivo e eloquente da Grande Nova que os anjos anunciaram na noite da Natividade, — podem e devem todos os cristãos, todos os homens de boa vontade meditar sèriamente nesse grande mandamento do Cristianismo, tantas vezes olvidado, que é a Caridade, essa força estranha, que no dizer de S. Paulo «remove montanhas».

Sem a Caridade é impossível haver a paz duradoura, por que todos os homens suspiram; a Ressurreição da Humanidade Nova, alicerçada nos princípios milenários do Cristianismo.

Que a Páscoa de 1951, deste ano paradoxalmente da guerra e da paz, não seja só a comemoração simbólica do grande Drama do Gólgota, mas sim, acima de tudo, traga a grande realidade, de que o mundo anda tão necessitado: a Paz Verdadeira — Ressurreição da Vida.

Mário Fernando

"DEFESA DE ESPINHO"

Deseja a todos os seus prezados assinantes, anunciantes e amigos, BOAS FESTAS *e uma Páscoa Feliz*

PARABENS E SEMPRE EM FRENTE!

QUALQUER empresa que, chegada ao fim de um ano de trabalhos e feitas as contas, encontra um saldo crèdor, exulta de alegria, embandeira em arco, distribue benesses, vibra e, tomada de mais e mais aspirações, promete-se trabalhar ainda mais — ela que tanto trabalhou — na ânsia de bem acompanhar o ritmo que a vida obriga no caminho para um futuro cada vez mais justo e mais risonho ainda.

Esquecem-se as canseiras, as noites mal dormidas, as quesílias, toda a espécie de sofrimento, para só pensar que não deve afrouxar e muito menos parar, porque, parando, seria a catástrofe, o fim do fim, a morte torturante, o esquecimento, o nada.

Vem isto a propósito do aniversário da «Defesa». Mais um se passa e, apesar das mil e uma dificuldades semeadas no caminho trilhado, a «Defesa» e o seu Director encontram-se de pé, firmes no seu posto, sem desânimos, acalentando nobres e inúmeras aspirações, fremindo em desejos por mais um ano que, antevendo-se de luta, haverá de terminar sempre por uma bela vitória.

Quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória, disse alguém e muito bem. Benjamim Dias vive o seu jornal. Luta bravamente para que ele se apresente decente, honesta e dignamente. Enfrenta, sem fraquejar, as tempestades que, a todos os momentos, se desencadeiam não só sobre a sua querida «Defesa» como sobre todos os jornais da província, a pretender subvertê-los na voragem mortal.

Não fosse a «Defesa» a sua dama mais querida e vê-lo-íamos sumir-se como tantos que se obrigaram a sacrificar o moral ao material...

O sacrifício de Benjamim Dias é o sangue arterial da «Defesa», é o seu eu, é a sua vida. Poderá, no fim de cada ano, ter um "déficit" material; desde que, porém, se verifique um bom saldo moral, dá-se por muito feliz, imensamente satisfeito.

Espinho e as suas prementes aspirações têm na «Defesa» um baluarte seguro.

A sua prosa poderá ser simples, rasteirinha mas, por isso mesmo, ela é mais cativante, mais acessível, mais assimilável, mais popular.

A água pura e cristalina não é a do rio torcicolado e volumoso; é antes a do arroiozito que, serpeando gorgolejante pelos declives suaves, vai afundar a sua poesia no ribeiro, no rio, no mar.

O seu nome de baptismo é um simpático grito de constante alegria em prol do progresso deste edémico torrão de Portugal.

O seu lema: Pela Pátria! Por Espinho! diz nacionalismo, grita bairrismo, espalha dinamismo. Por isso a «Defesa» será sempre querida de Espinho e esta adorada daquela. Vivendo uma da outra e uma para a outra, o povo nunca deixará de querer-lhe muito também e o seu intemerato Director poderá contar com o seu inteiro e sincero apoio.

Vivam, pois, a «Defesa» e o seu Director para e por Espinho, que esta não lhes regateará louvores e agradecimentos.

Mais um ano de luta que passa.

Que o passado, cheio de trabalhos e de incertezas mas de saldo crèdor, sirva de incentivo no presente e de excitante no futuro em ascensão contínua, segura e radiosa para que, daqui a um ano, possamos dizer como agora: Parabens e sempre em frente.

DEUDAS

No Aniversário da "DEFESA DE ESPINHO"

MEU PREITO SINCERO

TODOS os anos, por esta altura, quando aqui em Lisboa as árvores da Avenida e também as do meu pequeno quintal me anunciam a Primavera, que eu ansioso espreito como símbolo da renovação eterna e da comunhão de Deus com as almas e com as coisas, aparece, simultâneamente, também em festa, vivaz e cheirando à terra e ao mar vareiro da linda Costa Verde, o jornal de Benjamim Dias, essa persistente e bem cuidada «Defesa de Espinho», que tem a idade de meu filho, e que ao seu director merece também os carinhos como se um filho fôra.

Não são os laços de sangue que me fazem admirar Benjamim Dias, mas sim a sua persistência e o trabalho cerebral penoso que tem de ter para nos mandar, dentro duma maneira de equilíbrio elegante, todas as semanas, o cartão de visita da nossa terra, e isto há dezanove anos, sem interrupção!

E reparem, meus Senhores e meus prezados conterrâneos, para a frescura do jornal de Benjamim Dias, constantemente próprio, oportuno e atento às grandes como às pequenas coisas que a Espinho interessam.

Delicado como os que mais o são, não deixa por isso de insistir e de persistir nas causas que julga serem convenientes à nossa terra, nunca tirando a luva branca de que se serve para escrever e, se alguém vem a terreiro, ele lá está, pronto a dar satisfações, mas sem tergiversar nem abandonar o seu ponto de vista, quando o crê nobre e para bem da terra espinhense ou da grei nacional.

Sim, porque na «Defesa de Espinho, o seu director, não descurando nunca qualquer pormenor que possa interessar ao bem da nossa terra, vai mais longe, facultando aos seus colaboradores as colunas do seu jornal, para vôos à roda de Portugal e até do Mundo, numa compreensão perfeita de que o espírito precisa estar presente em todas as latitudes, para não se atrofiar num ambiente fechado.

Não é só dirigindo uma Empresa comercial de envergadura ou qualquer outra Organização de trabalho que se mostra valor. Creio mesmo ser preciso mais aprumo, mais tenacidade e mais intelecto para dirigir um simples semanário de Província, do que o seja para

(Continua na 6.ª página)

Homenagem ao Snr. GOVERNADOR CIVIL DE AVEIRO

Fez no dia 18 deste mês um ano que tomou posse do cargo de Governador Civil de Aveiro, o Ex.mo Snr. Coronel da Aeronautica António Dias Leite.

Comemorando a passagem desse aniversário, um grupo de destacados Aveirenses promoveu um almoço de homenagem a S.ª Ex.ª que se realizou na capital do Distrito e reuniu mais de cem convivas.

Embora tardiamente, enviamos ao ilustre homenageado as nossas felicitações.

Depois da tempestade, Vem a bonança

Após um longo período de rigorosa invernia como há muito tempo não se verificava, surgiu a Primavera sorridente, com todos os seus encantos e promessas.

Se não nos lembramos de um inverno tão rigoroso como o que findou, também não nos recordamos de uma estação que se apresentasse, logo de início, com o seu aspecto próprio e os seus peculiares encantos, como a presente Primavera.

Depois da tempestade vem a bonança... é adágio muito antigo e muito certo.

Saudemos, pois, a Primavera nascente, esperançados em que ela nos traga um longo período de bom tempo, em compensação do mal que nos causou o inverno ido.

A nossa SOCIEDADE

«Caça» ao Noivo

A Laurentina é todo o tipo de sereia moderna, *deusa* que desceu à terra, uma daquelas desavergonhadas «*vamps*» que Hollywood nos mostra todos os dias, através da tela cinematográfica.

De altura média, corpo bem torneado e bronzeado, de formas elegantes e bem salientes, cabeleira negra e farta esvoaçando ao sabor do vento em geito de desalinho, olhos verdes, maliciosos e fulgurantes, cravados com insistência luxuriante em todo o belo moço que passa; de vestidos leves e transparentes a mostrar o que é permitido; num andar atlético e desembaraçado; — eis o retrato físico da Laurentina, esse fruto tropical que todos os dias deambula apressadamente, atropelando às vezes os mais incautos, nas nossas ruas, à procura de qualquer talismã precioso.

Dizem as más línguas que caíu do céu aos trambolhões e que anda para aí a ver se desencanta um *príncipe encantado*.

E, como quem pretende os fins utiliza os meios, a deliciosa Laurentina faz o papel de *Vénus* de trazer por casa, tentando hiptonizar com os seus olhos de fogo os jóvens desprevenidos, mas com *tecas*; sorrindo de escarninho para os galanteadores sem *caroço*; frequentando os bailes elegantes, aonde é a primeira a ir buscar e a *encostar se* a quem convém; etc... etc...

Mas o diabo é que não têm aparecido *tansos*, que caiam nas bem urdidas *armadilhas* da Laurentina. Há talvez um ou outro que gosa o seu bocado, mas, quando o perigo se avizinha e descobrem a *marosca*, põem-se a andar...

Desiludida, a Laurentina veio à janela da sua alma e então reparou na triste figura de *manequim humano* que fazia.

E acabou por ser uma rapariga séria, já sem aquelas *olheiras* de outros tempos. E até arranjou um *cachopo*!...

Coisas da nossa sociedade!...

Marcos Portugal

Nota do Director

Tendo a autora do artigo a que aludimos na Nota de 11 do corrente, em réplica às crónicas do nosso colaborador «Marcos Portugal», declinado o seu nome, confiando no prometido sigilo — e o prometido é devido — vamos publicar o artigo em referência no próximo número da «Defesa».

Não se torna necessário declarar que os conceitos emitidos pelos nossos colaboradores, quando por eles assinados, são da sua responsabilidade pessoal e por isso a direcção do jornal é neutra em face dos mesmos.

Conquanto achemos bastante violenta a réplica a que aludimos—pois a autora não se limita a defender o seu sexo, com altivez que não lhe fica mal, atacando rudemente o seu antagonista e o sexo masculino—temos até muito gosto em franquear um pouco do limitado espaço de que dispomos à ilustre dama que vem a terreiro defender o seu sexo, o qual, se realmente tem os seus defeitos, seria injustiça não lhe reconhecer virtudes.

Bordados à mão

Executamos em qualquer género com a máxima perfeição. Falar na Casa Orchídea R. 23 — ESPINHO —

REGISTO SOCIAL

ANIVERSÁRIOS

FAZEM ANOS: Hoje, dia 25, a sr.ª D. Ermelinda Rosa de Sousa, esposa do sr. Joaquim Pereira de Sousa, de Espinho, as senhorinhas Maria da Glória Sousa e Silva, filha do sr. Manuel de Sousa e Silva, ausente em Africa e Maria da Anunciação Vieira de Sá filha do sr. Sebastião de Sá, ausente no Porto e o sr. António Ribeiro;

— em 26, o sr. Alfredo Ribeiro Baião, e a menina Rosa Margarida A. Pereira Rezende, filha do sr. António Pereira Rezende, ausente em S. Paio de Oleiros;

— em 27 a senhorinha Alice Miranda de Oliveira, as srªs D. Olinda Faustino, D. Júlia Nunes da Silva, esposa do sr. Álvaro Monteiro Mendes e D. Esmeraldina de Oliveira Simão esposa do sr. Manuel da Silva Pardilhó;

— em 28, a menina Maria Teresa (Ticó) filha do sr. major Duarte Silva, e as srªs D. Josefina Sá A. Cunha Lopes, esposa do sr. António Lopes Novelle e D. Maria Antonieta A. Brito e Cunha, esposa do sr. Jorge de Brito e Cunha, ausente em Queluz;

— em 29, a menina Leana Fernanda Jesus Pereira, o menino António Machado Pais, as srªs D. Leopoldina Maria Pinto Coelho, ausente no Porto, e D. Ester Tavares de Oliveira, e o sr. António Alves da Cruz, de S. João da Madeira;

— em 30, a menina Rosa Vieira dos Santos Costa, de Paramos, a srª D. Maria de Lourdes Salvador R. de Oliveira, esposa do sr. José Domingues de Oliveira, ausente em Válega e o sr. Alcino Bastos Maia;

O nosso folhetim

Por motivo de ter chegado tarde e já não haver espaço, deixamos de publicar hoje o habitual folhetim do romance NADIA.

Grupo Columbófilo de Silvalde

Classificação do Concurso de Santarém

Diamantino P. da Silva, 1º; Manuel Alves Salgueiro, 2, 3, 21, 22, 46, 49; Manuel Guedes da Silva, 4, 13, 32; José Gomes Oliveira, 5, 7, 17, 33, 37; Américo A. de Sá, 6, 26, 27; José Rodrigues de Oliveira, 8; Adão Costa Guimarães, 9, 11, 12, 16, 18, 19, 59; Francisco Pereira de Oliveira, 10 24, 35, 56; Manuel Leite Pereira, 14, 47, 48; José Gomes Pereira, 15, 41 50; Rufino A. Pereira Rocha, 20; Eduardo M. de Almeida, 23, 45; Manuel Gomes, 25, 42, 51; Heruani R. Guimarães, 28, 29, Miguel F. de Oliveira, 30, 31, 54, 56; Alberto R. Oliveira, 43, 44, 52, 53; Belmiro A. Maganinho, 38, 39, 40, António A. da Silva, 54, 60; José A. Pereira, 55, Álvaro Moutão, 57, Manuel Ribeiro, 58.

FUTEBOL

Em S. Félix da Marinha

No Campo Armando Crespo em S. Félix da Marinha, realiza-se amanhã, segunda-feira, às 16 horas, um extraordinário desafio de futebol entre as equipas do Sporting Club de Espinho (Mixto) e do Club de Futebol de S. Félix da Marinha (Honra).

Este desafio que deve constituir uma grande tarde desportiva, é aguardado com grande ansiedade pelos adeptos dos dois clubs.

HILÁRIO GOMES ROSMANINHO

Armazém de Vinhos

Em Espinho:	Na Bairrada:
Rua 18 n.º 995	Viniticultor
Rua 31 n.º 452	e Armazém
Telefone 345	de Retém

Café Nicola

O mais saboroso e mais apreciado dos cafés.

Em Lisboa — visitem o CAFÉ NICOLA.

Crónica Feminina

Penteados e Adornos Femininos

POR NOÉMIA, CRONISTA DE MODAS DA AGÊNCIA ANI

NA pacatíssima Lisboa deu-se, esta semana, um acontecimento que alvoroçou todas as senhoras. Abriu, ali em baixo, nos Restauradores, uma exposição de penteados e adornos femininos. Fui lá e não dei o meu tempo por mal empregado. As mais audaciosas concepções artísticas estavam representadas. Havia lindíssimos penteados próprios para galas ou bailes a rigor, encantadoras criações para serem usadas por noivas, deliciosos desenhos para os dezoito anos, penteados para jovens mamãs que se apresentavam com as suas filhas, também primorosamente penteadas. Havia, finalmente, modelos para avós desejosas de manterem a sua elegância e penteados próprios para rainhas orgulhosas do seu reinado.

De tantos e tão lindos motivos destacavam-se: "Crista de Galo", o "Pudim", o "Belzebut", o "Simplicidade", o "Meia-Lua" e o "Cogumelo".

Dá crever os penteados vistos é tarefa impossível. Vou tentar dar uma pálida ideia de alguns deles. Logo de entrada chamou a nossa atenção o nº. 4 modelo audacioso, tecendo, em trancinhas, muita fitas uma airosa touca. O nº. 7 apresenta-nos um penteado de passeio enfeitado com contas e botões coloridos. O nº. 13 é outro motivo de trancinhas, que formam desenhos interessantes.

O nº. 16 é encantador e está acompanhado com grossos colares de missangas coloridas. O nº. 18 é o penteado ideal para assistir à época. É todo puxado ao alto e preso com largo diadema colorido. Deste diadema partem caracolinhos, que formam cacho. O nº. 22 consiste numa prisão ao alto da cabeça, donde partem cinco tranças grossas, que caem pelas costas. Para facilidade da conservação do penteado, e para evitar idas futuras ao cabeleireiro, à medida que se vão fazendo as trancinhas molham-se com barro fresco amassado. Este, secando, dá ao penteado uma firmeza que dura bastantes dias. O nº. 25 é bastante "estilo 1951", com um grande carrapito na nuca. Um diadema de missangas coloridas torna este penteado muito próprio para teatro. E, por último, para mim o mais lindo de todos. É o nº. 33, com o cabelo todo puxado para trás, deixando a testa livre. A segurar o cabelo, há um turbante de feitio especial, feito de peles. Com este modelo, dispensa-se o chapeu.

E tantos, tantos outros impossíveis de descrever, modelos em em que as tranças, os rolos e os caracolinhos miudos nos encantam e maravilham...

Os adornos desta exposição nada ficam a dever, em beleza, aos penteados. Em grandes vitrinas completamos lindos cintos feitos com contas coloridas ou em cabedais, com artísticos desenhos gravados e pintados a cores. Pregos de cabelo que são uma tentação, feitos de madeira polida e com grandes bolas ornadas de missangas. Brincos de metal amarelo e pulseiras as mais variadas predominando o feitio "mola de estufador".

Depois de percorrida a exposição, podemos dizer, em resumo, que a moda prefere, acima de todos os outros motivos, o das trancinhas. Que desenhos caprichosos se podem fazer com meia duzia de tranças de cabelo!

Os diademas largos apanhando toda a testa e uma parte de cabeça estão bastante na moda e são preciosos, porque ajudam a conservar no seu lugar os penteados *difíceis*. O facto do fixador ser substituído por barro fresco amassado é que já deverá assustar um pouco as elegantes, mas susto ligeiro, pois esta crónica não trata de uma exposição de penteados para serem usados pelas senhoras de Lisboa, mas de uma interessantíssima e valiosa colecção fotográfica de penteados e adornos femininos das indígenas de Angola, coligida em diversas tribos das províncias do Congo, de Malange, de Benguela, do Bié e da Huila pelo Dr. Elmano Cunha e Costa e que a Agência Geral das Colónias — numa atitude muito de louvar — apresentou no salão grande do S. N. I., antes de a recolher aos seus arquivos.

Mas como se parecem, no fundo os penteados das pretas de Angola com as últimas criações que nos vêm dos cabeleireiros parisienses! Essa semelhança prova-nos, de resto, e confesso, de que isso me entristece, que a despeito de séculos de civilização somos todas, europeias ou asiáticas, americanas ou africanas, quando se trata da arte de agradar, única e simplesmente — mulhere!

REGISTO SOCIAL

Partidas e chegadas

Com sua Ex.ma Família retirou para Tortozendo o nosso prezado assinante e considerado industrial naquela Vila sr. José Rodrigues Trindade;

— Tendo requerido a sua passagem à reserva, voltou ao seio de sua família nesta Vila, o nosso estimado assinante sr. Domingos da Rocha Mano, 2.º sargento de Engenharia;

— Com sua família encontra-se entre nós a passar as férias da Páscoa o nosso assinante no Estoril sr. Zacarias Ferreira Amorim;

— Com sua esposa também veio passar a quadra da Páscoa nesta Vila, o sr. Tibério da Silva Garcia, nosso assinante no Estoril;

— Com sua esposa e filha, foi passar as férias da Páscoa a Ribeiradio, o considerado professor oficial desta Vila, sr. Manuel Pereira de Campos.

— Regressou da Venezuela o nosso estimado assinante sr. António Caetano de Sá.

Doentes

Há bastante tempo que se encontra doente o nosso prezado assinante de Silvalde sr. Domingos de Oliveira Loureiro, antigo comerciante de vinhos;

— Tem passado muito mal o menino Pedro, filhinho do nosso estimado amigo sr. Pedro Luís de Rezende.

— Fazemos votos pelo restabelecimento de ambos os doentes.

— Já retirou para sua casa em vias de completo restabelecimento, a sr. D. Vitalina Alves da Silva.

Bombeiros V. Espinhenses

Por motivo de seus afazeres, pediu a demissão de comandante dos Bombeiros V. Espinhenses, o sr. Amadeu Fragoso de Morais que há bastantes anos vinha exercendo aquele cargo no qual prestou relevantes serviços àquela Associação Humanitária.

Por tal motivo, assumiu, interinamente, o comando da corporação o chefe divisão sr. Mário Romão.

O Orfeão de Espinho

visita Mealhada do dia 7 de Abril

Conforme já noticiamos, o Orfeão de Espinho visita a risonha vila de Mealhada, onde efectuará um grandioso espectáculo em benefício do «Lar da Criança» no sábado, 7 de Abril, no Teatro Messias, daquela localidade.

A Comissão Organizadora, constituida por um grupo de senhoras da melhor sociedade mealhadense e com o patrocínio de altas individualidades daquele concelho e do distrito de Coimbra, promove um bem elaborado programa de recepção, no qual se destaca uma sessão de boas vindas na Câmara Municipal e outros números que relataremos no próximo número da «Defesa».

PITÉU REGIONAL

Tempo de Caridade

Chovia. A atmosfera embaciava-se, o céu, meio acinzentado, meio negro, parecia de luto.

Tudo era triste. Duvidava-se que chegasse a Primavera...

Hoje as almas estão em aleluia, as almas também estão em ressurreição!

A Páscoa também deve ser uma quadra de Caridade.—Sim, deve ser.—porque não?...

Dentre as nossas amêndoas, da nossa lauta mesa ou do nosso apetitoso pão de ló,—porque não saírem umas migalhinhas para o triste pobrezinho aleijado ou cego, portador de chagas, estropiado, vencido pelo mau passadio ou por privações sem conta?

Porque não ter, nestes períodos santos, sempre, ante nossos olhos, a visão perfeita da pobreza envergonhada, por exemplo, aquela que, bem sabemos, passa, muitas vezes, o maior drama, portas adentro, sem um queixume, sem um lamento, porque a sua condição não lhe permite —sabe se lá se... felizmente se infelizmente... — estender a mão à Caridade...

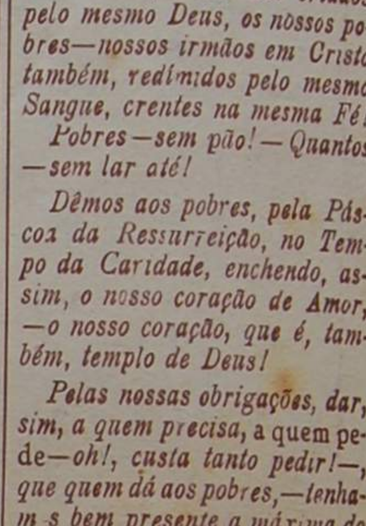
Talqualmente como no Natal, não nos esqueçamos dos nossos pobres, nossos semelhantes, nossos irmãos, como nós criados pelo mesmo Deus, os nossos pobres—nossos irmãos em Cristo também, redimidos pelo mesmo Sangue, crentes na mesma Fé!

Pobres—sem pão!—Quantos —sem lar até!

Dêmos aos pobres, pela Páscoa da Ressurreição, no Tempo da Caridade, enchendo, assim, o nosso coração de Amor, —o nosso coração, que é, também, templo de Deus!

Pelas nossas obrigações, dar, sim, a quem precisa, a quem pede—oh!, custa tanto pedir!—, que quem dá aos pobres,—tenham-os bem presente a máxima do Evangelho!—quem dá aos pobres empresta a Deus!...

H.



Mercearia Santos

Estabelecimento de mercearia fina e grossa. Especialidade em chá, café e chocolate. Grande sortido de conservas, Vinho do Porto e de Mesa, etc.

Albino Oliveira dos Santos

Agente dos Afamados Espumantes das Caves Império

Rua 22 N.os 513 e 515 ESPINHO

Casa Papagaio

Joaquim Alves de Sousa

MERCEARIAS FINAS, — VINHOS DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS — ÁGUAS MINERAIS, ETC.

Rua 14 N.os 918 a 922

Telefone 337

= ESPINHO =

CASA — Aluga-se

Espaçosa, 7 div., inst. elétr., água, tanque, hortas. Rua 62 N.º 908. Trata Ramos feira.

Café Restaurante Palácio

O preferido pelas pessoas de bom gosto onde V. Ex.as podem apreciar.

Bom café e esmerados serviços à lista

Avenida 8 e Rua 19 ESPINHO

DUARTE & C.ª

TELEF. 16

ARMAZÉM DE MERCEARIA — RUA 19

SABOARIA ATLANTICA — RUA 26

SECÇÃO DE VENDA AO PÚBLICO — RUA 19

MERCEARIA "PORTO"—Largo dos Aviadores, 104-Telef. 3771—VILA NOVA DE GAIA

LUSO-METAL DE SALES

Fundição de Bronze para a indústria, Ferragens para Móveis e Construção Civil, serviços em Tubo de Metal ou Ferro, Candeeiros, Lustres, Bronzes d'Arte, Ferragens Artísticas em estilo antigo e moderno, etc.

DE

JUSTINO RODRIGUES DA SILVA

RUA 31 N.º 760

ESPINHO

Deseja açúcar?...

Escreva para—A. F. Warly—Hotel Brito—Benguela—Angola—Longonjo—, e receberá um pacote de 10 quilos de açúcar.

Fernando Ferreira Soares

Advogado

Escritório na Praça Camões—FEIRA

Residência: Rua 19 ESPINHO

Sapataria VICTÓRIA

Angulo das Ruas 18 e 23 ESPINHO

A INCÓGNITA DA CIVILIZAÇÃO

SER civilizado significa a obrigação de cada um de nós colaborar dignamente na batalha que há milénios uma parte dos homens vem travando para a implantação de um estado de progresso e cultura social para todos.

Para o êxito dessa luta, é condição essencial que sejamos justos, verdadeiros, amáveis e iluminados pela luz sublime do «AMAI-VOS UNS AOS OUTROS», aceitando com alegria e estoicismo os sacrifícios que fôr necessário encarar para se chegar à Idade da Civilização. Essa Idade, é a que deriva da ciência que ensina as regras a seguir para consolidar o Bem, e eliminar o Mal entre todos os homens.

Civilização, é, acima de tudo, um estado de vida social apoiado na doutrina do amor por tudo que no Mundo existe melhor; é a Verdade desnudada; a Bondade nas acções, o poder e a beleza da existência humana.

O sórdido materialismo que nos arrastou até onde estamos, já não tem razão de ser e há-de sumir-se, ainda que a golpes de montante, pelo hercúleo esforço feito de espiritualidades e de maneira que os modernos Caligulas não mais possam pontificar no grande alfobre da miséria prodigamente adubada pelos mais baixos instintos.

Para se chegar a esse desejado ponto, óbvio é que cada um de nós, apaixonadamente, sem artifícios doentios, se apegue a um Ideal superior que imponha às directrizes do Mundo a expressão das leis da Justiça e Caridade Cristã, para que o ódio de raças e povos deixe de sobreviver.

Note-se que, quando o homem esclarecido e bom proclama a luta pelo direito à Vida Civilizada, essa luta de maneira nenhuma está aparentada com qualquer desígnio subversivo que vise para apear uns e alcandorar outros e justifique a violência e a luta impiedosa pelo melhor lugar ao sol.

Quando o homem se diviniza a si mesmo, comete o pecado de Lucífer escravizando os seres criados ao seu orgulho, desviando-os do seu fim; gera a desordem, faz sofrer.

Enquanto a Terra continuar a ser um caudaloso vale de lágrimas, não nos podemos considerar obedientes filhos de Deus nem membros da Comunidade Civilizada.

Quando ainda recentemente o Grande Pio XII numa das Suas magistrais alocuções declarou guerra à escravidão e ao servilismo, por serem a verdadeira antítese da liberdade e da justiça emanada de Deus, abriu-nos uma luminosa página do Grande Código da Civilização.

Por outro lado, quando os grandes rotativos nos relatam o satânico renascimento da escravidão para lá da fatídica cortina, dão-nos a clara visão da tragédia que emana de uma sociedade selvagem.

Nenhuma acção verdadeiramente útil se pode realizar sem que haja quem lhe dê o impulso seguro, a sustente no combate, a leve até ao alvo que deseja atingir. Ou a crença existe, ou só temos a esperar o desalento e o caos com todas as suas trágicas consequências.

Sem fé, o ser humano comporta-se como um farrapo que todos os ventos agitam.

Não há pessoa alguma que não possa dar o seu contributo para o levantamento da Sociedade Civilizada. Se o não faz, é porque o seu esírito vive em estado selvagem; é porque a sua vida é uma nulidade socialmente prejudicial.

Os altos problemas da vida não se resolvem simplesmente pela força, mas sim com justiça. E não há como o Cristianismo para manter na Sociedade a harmonia, a doçura, a humanidade, a boa fé. Para que uma Sociedade possa viver e prosperar, precisa, principalmente, de duas coisas: um património de Verdades, intangíveis e um princípio sobreumano de justiça e de Amor.

Cristo trouxe à terra estes dois tesouros.

Soa pela superfície da Terra uma hora trágica que se repercute sob as trevas densas de uma noite de temporal ciclónico.

Os homens responsáveis parecem estremecer dos pés à cabeça ao passar pela tela da sua imaginação a gigantesca película da tragédia que passa. Pressente-se que um medonho Apocalipse se aproxima da Humanidade para lhe suprimir o derradeiro sôpro de vida. Em frente destas negras perspectivas ninguém tem o direito de cair no desalento ou de sovinar sacrifícios. Aqueles que ainda vivem na abastança, não podem cerrar estùpidamente os ouvidos ao chamamento do cumprimento dos seus deveres humanitários impostos pelos desígnios de Deus.

Hão-de ser os actos corajosos de Caridade, Amor e Sacrifício que farão ruir as actuais cortinas de ferro e impedir que outras se levantem.

J. Tavares Adão

JOSIAS FERREIRA GIL

Ex-médico do sanatório de Celas

Doenças dos Pulmões—clínica geral

Em S. João da Madeira:

junto à estação do Caminho de Ferro—Telef. 280.

Consultas em Espinho:

às 2.as-feiras, das 15 às 16 horas—Rua 25 n.º 82.

Testamento de Judas...

Caiu-me a desgraça em casa,
fiquei pobre como Job;
perdi muito do que tinha,
até perdi minha avó!...

Eu ia ganhando a vida,
sempre de aldeia em aldeia;
mas sem q'rer vi-me envolvido
nessa guerra da Coreia...

Logo no primeiro embate,
houve grande mortandade;
então vi a estupidez
que revela a humanidade!

Que fazer em tais apuros,
sob a montanha de fogo?
Fiz como um bom «patriota»
dei às de Vila Diogo...

Mas do meu grande recheio
— um tesouro colossal —
não trazia a nona parte
quando entrei em Portugal...

Aqui, o fisco matreiro,
com sua seriedade,
levou-me coiro e cabelo;
lá se foi mais de metade...

Roubado tão ferozmente,
pouco tenho que legar;
mas é de boa vontade,
tudo quanto vou deixar...

—//—

Minha samarra de peles
de gato e outros animais,
dum modelo elegantíssimo,
é p'ró José dos Jornais...

Ao bondoso Zé Miguel,
um grande amigo dos pobres,
deixo a corrente de prata,
qu'inda vale uns certos cobres...

Ao Lino Oliveira Marques,
um Marques, Marques, Marques,
deixo as botas de montar,
com que fugi muita vez...

Ao Heliodoro Pinto
da Silva, sem ter silvado,
deixo um caixote de pinho
cheio de pares de calçado...

Ao nobre Elias Tavares,
um dos Grandes cá de Espinho,
deixo a minha carabina
p'ra matar algum... cãozinho...

Deixo ao Artur Dias Cruz
amigo particular,
toda a minha ferramenta,
que serve p'ra barbear...

Ao João Lopes da Fonseca,
cujo nome já tem fama,
eu deixo a seda precisa,
para fazer um pijama...

Deixo ao Lusitano Gil,
em palavras muito breves,
a minha louça de Sèvres,
que tem a marca... Brasil...

Meu lindo chapéu de côco,
um tanto ou quanto velhinho,
— um chapéu de grande gala —
fica p'ró Saúl Godinho...

E deixo ao Afonso Henriques,
esse heroico «fundador»,
as minhas malas chinesas,
cada qual de mais valor...

Meu fato castanho, às riscas,
obra prima de Albufeira,
um bocadito coçado,
é p'ró Ernesto d'Oliveira...

E deixo ao «doutor» Hilário,
«doutor» de grande espavento,
as minhas Senhas, coitadas,
do pobre racionamento...

A minha sobrecasaca,
feita do mais raro pano,
velha, como a Sé de Braga,
é p'ró Zé Ferreira, o Mano...

Ao Américo Crispim,
amigo dos mais Constantes,
deixo um bôné de cetim
e os meus anéis sem brilhantes...

Ao Sabino d'Oliveira,
um novel comerciante,
deixo a minha garrafeira
do verdasco de Amarante...

E deixo ao Afonso Gato,
um dos maiores padeirões,
a minha nobre jaqueta
que tem setenta botões...

Ao Zé Camilo Tavares,
tipo de boa pessoa,
deixo a Capa de alamares,
que está no prego, em Lisboa...

Ao meu amigo Antenor,
mesário da Casa Santa,
deixo o meu cofre... vasio,
e mais o meu chale-manta...

Ao Joaquim Ferreira Dias,
um cidadão exemplar,
deixo o meu chapéu de palha
e dez lenços de assoar...

E deixo ao Luís Duarte,
comerciante afamado,
as minhas botas francesas
e um colete de brocado...

Ao António Salvador,
amigo de há muitos anos,
deixo a minha caçadeira,
nova, em folha, de dois canos ..

Como prova de amisade,
eu deixo a minha cartola;
— um mimo nacional,
ao Efe Guedes Escola...

Ao maestro Fausto Neves,
homem de raro talento,
deixo o meu tinteiro de ouro...
Por sinal... é de cimento!

Ao José Loureiro Zenha,
— um grande camaradão —
deixo as botas de cano alto,
com sola crepe Ceilão...

Deixo ao mar. amigo Espada,
— um notável caçador —
a minha trempe... de pesca,
p'ra passar... a pescador...

Ao Zé Ferreira Viseu,
parente... do Viriato,
deixo dois metros de pano,
p'ra fazer um... farto fato...

Ao Mário Costa Valente,
Valente como os heróis,
deixo ficar, de presente,
o meu par de guarda-sóis...

Deixo ao Francisco Cordeiro
um cordeiro endiabrado,
o meu casaco de linho,
que comprei no V'rão passado

Ao Manuel Couto Vieira,
para ficar consolado,
deixo uma boa carteira,
cheia de... papel selado...

Ao Silva dos tribunais,
um companheiro pacato,
eu deixo a minha relíquia;
a faca de corta-mato...

Deixo ao Gonçalves Coteiro,
a minha lira afinada,
p'ra tocar nas horas vagas,
ou em qualquer desfolhada...

E deixo ao Joaquim Nogueira,
negociante... de fruta,
minha leve indumentária,
de fina seda... que é futa...

Deixo ao Manuel A. Fardilha,
muitas coisas de valor:
entre elas o meu tambor,
e minha leve boquilha...

Ao Alvaro Santos Rocha,
deixo o meu par de sapatos,
que são dois finos ornatos,
de pelica semi-roxa...

E deixo ao Aníbal Braga
o meu grande lavatório;
pertenceu a João quinto,
o rei deveras notório...

Deixo ao Adriano Lopes,
todo o meu remanescente;
desconfio que não chega,
p'ra comprar um simples pente...

E deixo ao Manuel Joaquim,
o Ser mais fenomenal,
o mator dos meus legados:
minha Quinta... semanal...

Pela Cópia,
José Duarte

TRISTE

(Inédito)

Cair de tarde outonal.
Solidão.
Parece tudo morrer;
Afinal,
É' o sol que faz oração,
Quer dizer,
Ele também quer deitar-se,
Descançar,
P'ra poder, com mais vigor,
Levantar-se!

A tarde vai desmaiar,
Não tem cor.
E os passaritos têm medo,
Vão dormir.
Fez-se noite aos bocadinhos.
Tudo quedo.
E a tarde lá vai cair,
Sem carinhos.

Fêz-se noite, noite escura,
Noite densa.
Frio silêncio regela.
Só tristura.
Minh'alma não sei que pensa...
Eu sei lá... eu nem sei dela...
. . . . . .
Cair de tarde outonal.
Solidão.
Parece tudo morrer.
Mas não queiras, por meu mal,
Coração,
Não queiras desfalecer...

H. V.

Quem conta um conto...

SONHO NA NOITE

A lua intumecida acabava de irromper no nascente, e sobre a terra amortalhada pela noite espargia uma claridade transparente, dum cinzento azulado, impregnando a natureza ensonada duma inefável doçura. Mas na noite calma, havia porém de agitado, como a contradizer aquele adormecimento revigorizante da natureza, aquela imensa quietude em que todo o universo parecia fundir-se num repouzante amplexo: Esmeralda, acordada, a espiar as fecundantes uniões da natureza imóvel. A terra ressuava uma refrigerante humidade, que as folhas das árvores se espalmavam para a absorverem, e, por cima das mais altas àrvores, o hálito da terra casava-se com o luar, formando uma leve nuvem branca, como um grande véu de noiva, que vogava no espaço impelida por imperceptíveis brisas.

Esmeralda, debruçada à janela, contemplava a noite que a empolgava com a sua beleza quieta, mas perturbante e avassaladora, e, de longe, vinha até si um remurmúrio abafado do mar afagando mansamente a praia. Lentamente, o pensamento de Esmeralda que deambulava entontecido pela magia da noite, foi-se fixando numa passagem já um pouco recuada da sua vida. O seu olhar, que até ali andara num caprichoso devaneio pelas estrelas mais rebrilhantes, interiorizou-se e agora, numa formação vacilante, esbatida, de imagem refletida em águas movediças, trazia-lhe á retina êsse pedaço do seu passado que o seu coração torturadamente sepultara. —¡Seria a noite fascinante que fazia acordar em si essa entrevista de fracassado amor? — ou seria a lua que lhe vinha sussurrar aquilo que testemunhou?

O luar era agora espesso e penetrante e Esmeralda sentia-o apossar-se mornamente da sua carne, envolvendo-a toda num desabrochamento confuso de secretos desejos!

— Porque despertava essa lembrança, se ela sabia que o calor desse seu amor perdido jamais se puderia reacender? — E acorria-lhe à memória numa torrente de pensamentos esse minuto sumido no vácuo da sua vida que fatalmente talhara a órbita do seu destino.

— Já não podia precisar quando fôra, — há muito? — há pouco? — certo é que foi também numa noite cálida e de luar fulgente como aquela! Ele quando a via, demorava o seu olhar nos olhos dela, e o olhar dele tinha uma carícia, uma promessa de sincero amor. Nessa noite seguiu-a, e exteriorizou-lhe o sentir do seu coração transbordante de amor. Mas ela repeliu-o, embora nos seus olhos se acendesse uma chama de incondita satisfação. Ela amava-o também, e o seu coração jamais seria ocupado com o amor de outro, mas mentira-lhe, — os seus olhos foram os únicos que seguiram o pulsar do seu coração, — a sua boca, essa traiu-a.

A lua elevava-se triunfante no espaço livre, como uma enorme moeda de ouro toda a derramar-se numa chama amarela de reflexos purpúreos, todavia, por baixo dela, o céu ia-se povoando de nuvens opacas e pesadas e o luar sombreara-se duma desmaiada nostalgia. Esmeralda sentia-se invadir pela mesma nostalgia — nostálgia, por um minuto perecido, falsamente vivido.

Sim, ela amava-o também, mas mentira-lhe, quando lhe dissera: «afaste-se e jamais me siga» e só agora diante o silêncio quente da noite, apenas quebrado pelo marulhar das ondas. lá longe, a desdobrarem-se na areia, ela via como tinha sido irreflectida nesse momento, — mas não fôra ela quem falara — a sua boca soltara aquela desastrosa exclamação mandada pelo seu pudor. — Sim, o seu pudor, aquilo que lhe ensinaram ser a mais bela virtude que a mulher possui, era a causa única do contínuo sangrar do seu coração. E, Esmeralda, à janela, em frente do céu hiante, revoltava-se contra o seu pudor que lhe bradava ser a razão oculta da inquietude que a noite lhe trazia. Oh!, como fôra leviana em ter ouvido esse pudor, (leviana para ela para ser sensata para os outros) se os seus braços o desejavam, se a sua boca ansiava aderir aos lábios dele, essa mesma boca proferira essa brutal e gelada negação. «afaste-se e jamais me siga». — Sim o seu pudor, era a perpétua origem da sua viuvez — viuvez de mulher que chora pelo homem que amou e de nunca possuiu.

Depois, o pensamento de Esmeralda turvou-se, e numa figuração mesclada onde zumbiam pequenas recordações cativas desse seu passado perdido, apenas soube que se despediram — sem se terem despedido, seguindo por caminhos para sempre opostos, — ele a pensar nela, ela a pensar nele...

A lua empalideceu e escondeu-se, o luar apagou-se, mas as nuvens pareceram esticar-se como a quererem receber no todo das suas massas a última réstia de luz que a lua dimanou.

O quarto de Esmeralda iluminou-se, e uma voz feminina e grave chamou a. Esmeralda fechou a janela lá calma. Fechara-se também a janela aberta sobre o seu passado, ficando-lhe porém a entreluzi-lo uma saudade suspensa.

Alvaro Baptista

Projéctil de cérebro humano

planeado pelos cientistas

«A Grã-Bretanha está agora a trabalhar num projectil guiado com o equivalente mecânico a um cérebro humano completo. Por meio desse projectil espera-se poder descobrir e destruir objectivos a milhares de quilómetros dos locais do lançamento.

Esta informação foi dada pelo Marechal Chefe do Ar Sir Aleo Coryton, chefe da Comissão de Oficiais do Projecto Britânico de Armas Guiadas, estabelecido em Woomera, da Austrália Central. Sir Alec disse que o projectil mais avançado no mundo de hoje pode ser lançado para atingir um objectivo apenas a umas centenas de quilómetros. Esses projecteis contêm muitas das realizaçeos das bombas alemãs V-2. E acrescentou: «Mas estamos a planear um projectil que conterá o equivalente mecânico de um cérebro humano completo e que dotará com precisão infalível um objectivo muito distante do seu local de lançamento. Não estamos na fase em que possamos destruir qualquer avião atacante disparando contra ele um projéctil, mas esperamos lá chegar».

(*London Press Service*)

Farmácias

DE SERVIÇO HOJE:

Farmácia Santos

2.a feira—Farmácia Teixeira
3.a » — » Santos Suer.
4.a » — » Paiva
5.a » — » Higiene
6.a » —Grande Farmácia de Espinho
Sábado — » Paiva

Alfaiataria SOARES

RUA 33 — SALES — ESPINHO

Executam-se com a máxima perfeição e rapidez todos os trabalhos para homem, senhora e criança

José Tomaz Alves Soares

Agente da Cooperativa MORADIA PORTUGUESA S. A. R. L.

Rua de Sá da Bandeira, 245-2.º-Drt.º—Telef. 23054—PORTO

COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

PARA MENINAS

Internas, Semi-internas e externas

AVENIDA 24 — TELEFONE 303 — **ESPINHO**

Colégio de S. Luís

Apartado 8 — Telefone 60 **Praia de Espinho**

Curso geral e complementar dos Liceus (1.º 2.º 3.º ciclos) e admissão ás Universidades. Instrução primária e curso comercial.

O Colégio mais frequentado do Distrito de Aveiro e qué maior número de aprovações obteve nos exames oficiais

---

Estima, Valente & C.ª

Fábrica a Vapor de Serração
—:—: e Caixotaria :—:—
Especialidade em caixas para embalagem de figo
— Aplainadas e marcadas —

Telef. 28 Teleg. ESTIVALENTE

ESPINHO

PADARIA FERREIRA

Manuel Nunes da Silva & C.ª

Pão de todas as qualidades, fabricado pelos processos técnicos e higiénicos mais modernos.

Especialidade em pão com fermento natural

Todos os dias as deliciosas «Vienas d'Austria».
Séde: Rua 19, N.º 245—Filial Rua 62, N.º 691—ESPINHO

PADARIA CENTRAL

Sociedade Industrial de Padarias de Espinho, L.da

Especialidade em pão sem fermento artificial — pão sistema espanhol tosta azeda e biscoito tipo «Valongo». Fabrico esmerado pelos mais modernos e higienicos processes. A padaria mais higienica de Espinho. As melhores instalações no género, no norte do País.

Angulo das ruas 14 e 23

PADARIA MECANICA

PEROLA DE ESPINHO

de FARIA & IRMÃO

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higienico pelos mais modernos maquinismos A Hgiene é a divisa da Padaria. «PEROLA».— Entrada livre. Rua 16—231
Telefone 84—Espinho.

Padaria e Confeitaria MODELAR

(A casa mais elegante de Espinho neste género)

MATOS & IRMÃO

952, Rua 18, 937—ESPINHO

Especial fabrico de pão de tôdas as qualidades, farinha da mais fina. Secção de pastelaria, fogaças e caladinhos. Doces e biscoitos para chá

Especialidade em pão sem fermento artificial. Entrada livre. | *ASEIO E HIGIENE* *Distribuição ao domicilio*

Filiais em **Estarreja** e **Paços de Brandão**

Padaria Primorosa

DE

AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

ESMÊRO E ASSEIO

Rua 14, 883—Espinho

Armazem de Mercearia, azeites farinhas e cereais

MÁRIO FORTUNA COUTO

Depósito de
Açucar, Toucinho e Gorduras
Telefone, 305—Espinho
Rua 9 n.os 433 a 447
ESPINHO

Pinho & Ferreira, L.da

ARMAZEM DE MERCEARIA

Azeites, Toucinhos, Farinhas e Cereais

Rua 18, 969 R. 31, 441 a 471
Telefone 53 Caixa Postal 2

= ESPINHO =

Fábrica Progresso

MANUEL F. DA SILVA & C.ª L.da

Esmaltagem, Aluminio, Fundição
Serralheria e Niquelagem.
Execução perfeita e garantida.

TELEF. 27 — ESPINHO

JULIA

Confeitaria, Mercearia Fina e Frutas

Espumantes, Vinhos finos e de consumo Queijos e carnes fumadas das melhores procedências—Especialidades diversas—Bolachas e biscoitos «Pauperio»—Chocolates — Águas Minerais—Fogaças e Especialidades Regionais

= Fabrico e Venda de Gêlo =

— Júlia Barbosa Lourenço —

Rua 19, 264—*Telef. 404*—ESPINHO

CADINHA & COUTO

Mercearia, Cereais, Azeites

ARMAZENISTAS

Armazens e escritório:
Angulo das Ruas 18 e 25
TELEF. 52
-ESPINHO-

Oficina Mecânica de Mármores

DE

ADRIANO PEREIRA LOPES

(Casa fundada em 1898)

ESCULTURAS

Execução de todos os trabalhos —em mármore—

Rua 7 N. 561 — ESPINHO

QUINTAS, FARIA & BERNARDES, L.da

= Armazenista de Mercearias, Cereais e Gorduras =

AGENTE EM ESPINHO DA *COMPANHIA PRODUTORA — DE MALTE E CERVEJA PORTUGALIA —*

Cerveja Sagres e Preta Munich
= Laranjada Portugália =

Angulo das ruas 16 e 25 Telef. 390 ESPINHO

Serração a vapor da Ponte de Anta

Francisco Rodrigues de Castro & Filhos, L.da

Soalhos, forros aparelhados, madeiras para construção civil e caixotaria

TELEFONE, 67-E

ESPINHO

José Tavares d'Oliveira

CASA FUNDADA EM 1900

VINHOS DE PASTO

Telefone n.º 162

Rua 16 n.º 1023 ESPINHO

M. P. MOREIRA

Telefone 81—ESPINHO

FABRICA DE GUARDA-SOIS

Gabardines e Sobretudos Camuffy

GRANDE MARCA

Calçado, de todas as qualidades Chapeus de homem, Malinhas de Senhora, Luvas, etc.

GRANDE SORTIDO

PENSÃO IDEAL

Completamente remodelada

—quarto de banho com água quente e fria.

Esplendida CAVE, uma das maiores do País — com todas as comodidades.

Especialidade em mariscos, vinhos dos melhores e bons petiscos.

Não percam a oportunidade de visitar a GRANDE CAVE «BALIZA» com entrada pela Rua 62 n.º 247 e Rua 8 n.º 471 (em frente á estação de caminho de ferro).

MADEIRAS

= DE =

Adriano Pereira dos Santos

ARMAZEM

Angulo das Ruas 20 e 27 (por detrás da Igreja Matriz)

= ESPINHO =

Comércio Geral de Madeiras Preços sem concorrência

CASA PADRÃO

Rua 16 n.º 681 Telefone 368

Materiais de construção civil — artigos sanitários utensilios de cosinha—fogões a carvão e a lenha e FOGÕES ELÉCTRICOS

Artigos para picheleiro (bombas, torneiras, etc.)

Agentes dos acreditados estores SOMBRELA e das banheiras esmaltadas EURECA

LUSALITE

O fibrocimento de comprovada qualidade

Chapas onduladas, lisas e decorativas, tubos de alta e baixa pressão, caleiras e algerozes, depósitos para água, vasos, floreiras, colmeias, etc

PREÇOS IGUAIS EM TODO O PAIS

Consulte o Depositário: — A. TRINDADE, Sucr.

Armazens de FERRO, AÇO e CARVÃO DE FORJA

Agente das Tintas Americanas CONKLIN — S.ta-RITE

CAIXA POSTAL 4—880 Avenida 8, 886—ESPINHO—TELF. 39

Hércules

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

Afonso Henriques

Apartado 40 — End. Telegráfico—Hércules
Telefone 344 — ESPINHO

Louçaria Guerreiro

—(FERREIRA & COUTO)—

ARTIGOS DE NOVIDADE

Porcelanas, Faianças, Vidros, Cristais, Biblots, Garrafões, Estatuaria artistica, Cofres, Fogões, Camas, Lavatórios, Talheres, Metais, Ferros de engomar, Candieiros eléctricos.

Rua 19 n.º 365 Telefone: 365
(Pegado ao edificio do antigo Teatro Aliança)

ESPINHO

RADIOS PHILIPS

— Uma marca que se impõe —

DIAS & IRMÃO, L.da

Os únicos agentes oficiais no concelho de Espinho

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕE

LUSO-CELULOIDE

DE

HENRIQUES & IRMÃO, L.da

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

Telefone 70 ESPINHO Apartado 22

Bijuterias, Travessas, Travessões, Ganchos, Pentes, Oculos, Espelhos, Calçadeiras, Carteiras para passes, Bolas, Rocas, Bonecos, Máquinas para barbear, etc.

HORVA

Fábrica de mobílias e objectos utilitários
Vimes, juncos, mistos e palmito

Rua 14 n.o 1244 a 1252

ESPINHO

Ao «Ponto Chic»

Angulo das Ruas 8 e 19

Casa Tavares

Rua 62 — Passeio Alegre

DE — **Elias Ferreira Tavares**

Pastelaria e mercearia fina fiambre, presunto, paio e queijo das melhores procedências

Bebidas finas e diversas especialidades

Manuel Augusto de Castro

Confeitaria e frutas Especialidade em bolo de Arroz

Fabrico especial de doces e «Bolos de Espinho», pão de ló de 1.ª e 2.ª qualidade e Bolo de S. Bernardo.

DEPÓSITO: RUA 19—N.º 196

VINHOS DE PASTO

PORTO
Rua da Estação, 103
Telef. 51287

GAIA
R. do Barão do Corvo, 401-Tel. 3400

TORRES VEDRAS
R. do Brigadeiro Miranda Palha, 3 a 7
Telefone 159

RÉGUA
Rua dos Camilos, 142
Telef. 190

ESPINHO
Avenida 24, n.º 425
Telefone 378

Fábrica de Vinagre e Aguardente Vínica
UNIÃO VINICOLA ABASTECEDORA, L.da

Antiga Loja e Mercearia

Fundada em 1825 por D. J. O. PINTO

Suc. Belmiro Ferreira Oliveira Pinto

Agência Funerária e Artigos de Armador

Encarrega-se de trasladações e tudo deste mister

Tel. 13—Paramos Silvalde-Espinho

—Cervejaria Aquário—

—DE—

Manuel Rodrigues Mourinho

Rua 19 n.o 28

Mariscos, Pasteis, Conservas

CERVEJA AO COPO

Representante dos afreciados vinhos «Gurguês» de Águeda, e Verde de S.to Tirso.

Horários dos Comboios da C. P.

ESPINHO—PORTO E VICE-VERSA

(DESDE 14/5/1950)

P. DE ESPINHO: A — 1,00-6,00-6,24-6,47-7,00-7,24-7,40-8,10-8,32-9,38-12,20-13,00 — 13,33-17,02-17,30-18,36-20,15-22,20-23,32

P. DE S. BENTO: B — 0,42-5,20-7,13-7,55-9,21-10,20-12,19-13,33-14,11-14,50 — C — 15,25-17,15-17,28-17,43-18,30-18,41-19,00-19,45-21,10-22,50

ESPINHO-AVEIRO

P. DE ESPINHO: D — 6,14-8,49-9,48-10,15-11,03-14,20-16,21-17,58-18,19 — E — 19,29--20,22-23,45

Observações: A — de 2-7 a 1-10; B — só às 2.as feiras; C — de 1-7 a 30-9; D — não há aos domingos; E — de 1-7 a 30-9; F — de 1-7 a 30-9

Linha do Vale do Vouga

P. DE ESPINHO — (a) 0,30-7,05-9,30-10,25-13,15-18,25-19,30 — (aut.) 19-40-20,45 — (aut.) (b)

P. DA FEIRA — 6,28-8,26-11,12-12,28-14,00-17,44-19,44-20,34 — (aut.) (c) (aut.)

CH. A ESPINHO — 7,12-9,30-11,55-12,51-14,48-18,30-20,08-21-18. — (aut.) (c) (aut.)

Observ.: (a) — Só de 16/7 a 1/10/950; (b) — » às 2.as-feiras; (c) — Só de 1/10 a 30/6 e não há aos domingos; (aut)—automotora

---

Defesa de Espinho

Assinaturas

	Ano	Sem.	Trim.
Espinho	40$00	20$00	11$00
Portugal, exceptuando Espinho	42$50	22$50	—
Ilhas e Espanha	50$00	30$00	—
Colónias portuguesas	50$00	30$00	—
Brasil	60$00	—	—
Venezuela e outros países	80$00	—	—
Idem, remessa semanal	110$00	—	—

Pagamento adeantado

Confie os seus trabalhos tipográficos à

TIPOGRAFIA ESPINHENSE

INSTALADA NUM AMPLO EDIFICIO DO ANGULO DAS RUAS 14 E 33

Bicicletas Motorizadas

Cùcciolo

O motor «Cùcciolo», montado na bicicleta Villar, são duas marcas que se impõem

Agente no concelho José C. Fernandes Avenida 8—ESPINHO

PREFIRAM OS FÓSFOROS DA FOSFOREIRA PORTUGUESA

O Desporto em Espinho

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Fafe 3 Espinho 1

(Ao intervalo: 1 — 0)

Jogo efectuado no Campo de S. Jorge, em Fafe, a contar para a última jornada da 1.ª fase daquele torneio, referente à Zona Norte, tendo o Espinho alinhado com: Eurico, Ribeiro, Artur e Lopo; Alexandre e Walter; Loureiro, Campos, Waldemar, Guilherme e Olímpio.

O 1.º tempo decorreu com domínio dos fafenses, que terminaram a vencer por 1-0.

No 2.º tempo a partida equilibrou-se, tendo tanto os fafenses como os espinhenses efectuado partida movimentada e de certo nível técnico, embora desperdiçando algumas ocasiões de marcar golo.

O encontro terminou com a vitória do Fafe por 3-1, tendo o Espinho sido um excelente vencido.

Marcou o golo espinhense o interior esquerdo Guilherme.

* * *

Na classificação geral desta 1.ª fase do Campeonato, situou-se o Espinho no 3.º lugar, pelo que fica arredado de passar ao resto da prova, que passará a ter a comparticipação dos representantes da Zona Norte: Leixões e Salgueiros.

É certo que o Espinho merecia mais, mas a pouca sorte nalguns jogos e algumas arbitragens desastradas, tudo concorreu para ali se ficar.

Talvez para o ano as cousas corram melhor...

P.

Crónicas Cinematográficas

«A Torre Branca»

(The white tower)

QUEM gosta de emoções fortes, e de presenciar — já não digo praticar — escaladas alpinísticas, tem nesta «Torre Branca» ensejo de satisfazer plenamente estas duas predilecções.

Porque a «Torre Branca» — título do filme — é na realidade, uma alta montanha dos Alpes suissos, e o entrecho da película gira inteiramente à volta duma expedição que seis pessoas resolvem fazer ao cume inexplorado da dita.

Cada uma dessas personagens, tem o seu objectivo moral a atingir, com a arriscada escalada.

Há uma rapariga que se aventura para reabilitar a memória do pai, que morreu quando tentava chegar ao almejado cume.

Um americano que apenas pretende protegê-la durante a escalada, porque a ama.

Um escritor falhado e desiludido, que espera recuperar força moral após ter olhado o mundo do cimo do monte.

Há também um ex-oficial Nazi cujo fito é provar que a sua «raça-superior» consegue feitos vedados as outras, um arqueólogo-filósofo e um guia cauteloso e ponderado.

Os caracteres dos personagens — e todos eles têm seu tipo moral bem vincado — esbatem-se, um pouco, contra a grandeza e austeridade do cenário colossal e inumano.

Pouco a pouco os expedicionários vão ficando pelo caminho.

A uns faltam-lhes força física e a outros o moral necessário.

Dois deles morrem tràgicamente.

Não vos direi se alguém consegue chegar ao cume ambicionado, para não vos tirar o interesse.

A interpretação é explêndida, principalmente por parte de Alida Valli, Glen Ford e Claude Rains, que são no filme, respectivamente, a rapariga, o americano e o escritor falhado.

O colorido, que lembra o Agfacolor alemão, é admirável e dá um cunho de realidade mais acentuado ao filme.

Um filme muito interessante, repleto de simbolismo, «A Torre Branca», é, no entanto, apenas aconselhável para adultos.

M. A. D.

A Gerência e o Pessoal da **Ourivesaria da Praça**
(Viuva de Manuel Correia de Oliveira)
Rua 18 = Mercado
Telef. 310 = Espinho
Desejam aos seus prezados clientes e amigos uma **Páscoa Feliz**

Horto de Espinho
RUA 19
Casa especializada na confecção de ramos para noivas, palmas, coroas e todos os trabalhos no género.
SEMENTES, PLANTAS E FLORES ARTIFICIAIS

SINGER vende-se há 100 ANOS
mas mantêm-se na vanguarda da técnica
Os modelos de
MAQUINAS DE COSTURA
E SEUS ACESSÓRIOS
em exposição permanente nas novas instalações da
AGÊNCIA DE ESPINHO
RUA 19, N.º 446
acabaram de chegar das
FABRICAS SINGER
e estão acima de qualquer confronto
SISTEMA ESPECIAL DE VENDAS
permitindo que todos possam adquirir uma
SINGER
Serviço de Reparações, eficiente e económico
A PARTIR DE 1 DE ABRIL
Cursos de Bordados e Corte
Para os frequentar gratuitamente basta possuir uma SINGER

MERCEARIA FINA
Grande sortido em doces regionais, conservas nacionais e estrangeiras.
CONFEITARIA ZENITE
RUA 23 N.º 328
Depositários dos afamados enchidos de Castelo de Vide e das famosas carnes fumadas de Chaves.
Os proprietários cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes uma Páscoa muito alegre

CORRESPONDÊNCIAS

De Silvalde

13-3-1951

Acidente

Ontem, cerca das 20 horas, registou-se mais um desastre na ponte dos Loureiros, que poderia ter sido de funestas consequências: o automóvel N. O. 13 62, ao pretender ultrapassar, na referida ponte, uma carroça conduzida por uma muar, ficou entalado juntamente com a carroça entre o muro de suporte, do que resultou ficar bastante danificado.

A Polícia de V. e T., que compareceu no local, tomou conta da ocorrência.

Já aqui lembramos à J. Autónoma das Estradas a necessidade de ser alargada aquela ponte, pois, devido à sua insuficiente largura, — não podem circular, paralelos, dois veículos —, o que constitue perigo constante para todos quantos por lá transitam.

Numerosos acidentes ali se têm registado sem, contudo, até hoje, a J. Autónoma tomar as necessárias providências.

23-3-1951

Mais um Ano!

Mais um ano de vida em pro de todo o concelho de Espinho!

Acontecimento banal seria este se, como acontece na maior parte dos casos, durante os últimos anos nada se tivesse produzido de útil para a nossa terra; mas trata-se ao contrário, de um jornal cuja longa vida = 19 anos de existência —, tem sido de trabalho e abnegação, de luta e sacrifício, de estoicismo e perseverança.

Pela Pátria, Por Espinho, eis o lema da «Defesa de Espinho» que é, sem sombra de dúvidas, o baluarte defensor do progresso regional, pelo que felicitamos a seu muito digno director, senhor Benjamim da Costa Dias

C.

LEDE, PROPAGAI E ASSINAI O NOSSO JORNAL

CAFÉ GIL E **CAFÉ LUGIL**
Desejam aos seus estimados clientes uma **Páscoa Feliz.**

Necrologia

Joaquim Ferreira Coelho

Conforme já referimos no número transacto, finou-se no dia 16 do corrente, o sr. Joaquim Ferreira Coelho, capitalista e sócio comanditário da importante firma Coelho, Martins & C.ª, com séde no Rio de Janeiro.

O saudoso extinto, que contava 80 anos de idade, era dotado de excelentes predicados morais e bondoso coração pelo que a sua morte foi muito sentida por todos quantos o conheciam.

Natural de S. João de Ver-Feira, residia nesta Vila há 15 anos, com sua dedicada esposa a sr.ª D. Ana Medeiros Coelho e sua dilecta sobrinha a sr.ª D. Odete Medeiros Alves Fernandes Lago, casada com o sr. José Fernandes Lago.

A urna foi transportada num pronto socorro dos Bombeiros V. de Espinho e foi portador da chave o sr. Manuel dos Santos, da Vila da Feira, representando o sr. Manuel Pereira Gomes, industrial no Rio de Janeiro e sobrinho do finado.

*

Em Paramos faleceu há dias Maria Costa de Oliveira, de 78 anos, viuva, natural de Maceda-Ovar.

†

Joaquim Ferreira Coelho

Missa do 7.o dia

Tendo falecido o Sr. Joaquim Ferreira Coelho, Sua Esposa e seus sobrinhos, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o saudoso extinto ao cemitério e pedem a comparência à missa do 7.o dia que se realiza amanhã segunda-feira 26, na Igreja Paroquial de Espinho, pelas 10 horas.

Ana de Medeiros Coelho
Odette Medeiros Lago
José Lago

BONS PETISCOS
Se querem saborear bons rojões e fêbras, além da bela pinga, dirijam-se hoje e àmanhã à
Casa Castro *Bola ao Centro*
— Rua 23 n.º 772 —
— junto à feira. —
A's 2.as feiras tripas, carne assada e outros esmerados petiscos. Todos os dias se servem almoços e jantares.

O Desporto em Espinho

HOQUEI EM PATINS

Depois da Taça d'Honra

Terminou a 1.a fase da Taça d'Honra, não tendo a Académica obtido classificação com jus a passar à fase final.

A modesta classificação obtida reflete bem as grandes dificuldades que o grupo espinhense tem suportado com nobre galhardia, após as saídas de Abel e João.

Concretizando melhor, pode-se afirmar que o sector defensor não andou longe do valor do passado, com certo relêvo para Carvalhas e Gato, ambos convocados para os treinos da Selecção do Norte. Só o ataque enfraqueceu notòriamente, embora contasse com elementos novos cheios de habilidade, mas ainda «verdes».

Outros factores influiram na crise da equipa, como a impossibilidade de alguns jogadores, como Carvalhas, Clareano, A. Alves, alinharem algumas vezes; ou algumas más arbitragens surgidas no decorrer do torneio.

Mas a Académica chegou ao fim da 1.a parte da prova a demonstrar certa subida de forma, e, por isso, nada custará a crer que no campeonato Regional venha a fazer figura.

Com o concurso de Abel, se este se verificar como consta, a equipa da Costa Verde alcançará, pelo menos, o 3.º lugar do torneio, embora haja que contar com um certo valor do Vigorosa.

Elmano

Associação de Socorros Mútuos e Fúnebre Familiar de Espinho

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

2.ª convocação

Não tendo funcionado no dia 22 por falta de número legal, pelo presente convido os dignos consócios a reunirem em Assembleia Geral na séde desta Associação, no dia 29 do mês corrente, pelas 21 horas, funcionando a Assembleia com qualquer número de sócios, meia hora depois da marcada, com a seguinte:

ORDEM DO DIA:

1.º — Leitura e aprovação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, referente à gerência de 1950;

2.º — Qualquer assunto que, por maioria, seja julgado de interesse para a Associação.

Espinho, 15 de Março de 1951

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Benjamim da Costa Dias

As contas da Associação estão patentes ao exame dos senhores Associados, todos os dias úteis das 14 às 17 horas, na secretaria.

O Secretário da Direcção,

Livio Ferreira de Pinho

Declaração

Joaquim Pereira, casado, comerciante, morador na Rua 4 n.º 667 da Vila de Espinho, declara que trespassou o seu estabelecimento de casa de pasto e vinhos sito na Rua 4 n.º 667 da mesma Vila, ao sr. Feliciano Oliveira da Rocha não se responsabilizando por quaisquer dívidas que aquele senhor possa contrair,

Espinho, 14 de Março de 1951

Joaquim Pereira

(Assinatura reconhecida pelo Notário)

CASA VENDE-SE OU ALUGÁ-SE

Motivo de retirada, próximo do Campo de Aviação de Espinho e junto ao Apeadeiro de Paramos da C. P., com rés-do-chão para estabelecimento e primeiro andar para habitação.

Falar na mesma com Victória Quintas.

V. Ex.ª deseja tomar um bom café?
Vá ao **SOL D'OURO**
e ficará o preferido por V. Ex.ª.
Bebidas, Bilhares, etc.
RUA 8 (baixos do Sporting)
ESPINHO

Casa Fonseca
Rua 19, 275 — ESPINHO
Fazendas de lã — Sedas
Tobralcos — Robias
e Camisas Ajax

Casa Gentil
Angulo das ruas 23 e 16
Fazendas de lã
Sedas
Atoalhados e
Camisaria
SEMPRE NOVIDADES

Casa VENDE-SE, na R. 62 n.º 394 a 406. Falar ao lado na Garagem Teixeiras.

Albano Mesquita
DOENÇAS DOS OLHOS — Médico Especialista
Consulta das 17 às 20 horas
CONSULTÓRIO: Rua 8 — n.º 491
Telef. 110 — ESPINHO
Res. — Praça de Brandão — Telef. 6

EVA MARQUES PINTO
Mercearia e Vinhos
RUA 25 N.º 224
ESPINHO

Corte LUC
Alta Costura
Ensina Professora de Lisboa — (Rua 16 — casa da D. Cristinha
Aceitam-se inscrições na Alfaiataria Teófilo, à Rua 62 — ESPINHO

Oliva
Máquina de Costura Portuguesa
Para Mãos Portuguesas
AGENTE OFICIAL:
ILYDIO NEVES
= ESPINHO =

Casa das Construções Marçal de Oliveira Duarte
ESPINHO
A casa que oferece a V. Ex.ª o mais completo sortido em materiais relacionados com a construção civil e artigos domésticos, dispondo das secções seguintes:
ARTIGOS DOMÉSTICOS — De viagem, cutelarias, fogões, etc.
ARTIGOS DE VIDRO — Tijolos, telhas, mosaicos, espelhos e vidraças.
BARRO REFRACTÁRIO — Telhas, tijolos, lares, etc.
CANALIZAÇÕES — Tubo e acessórios galvanizados de chumbo, etc.
CIMENTOS — Branco e de cor, cal hidráulica, etc.
DROGAS Almagres, ocres, zarcão, anilinas etc.
ELECTRICIDADE — Acessórios e motores.
ESMALTES E TINTAS — Nacionais e estrangeiras, vernizes, etc.
FERRAGENS — Para a construção e móveis, redes, arames, etc.
FERRAMENTAS Para todas as artes, das melhores procedências.
LOUÇAS SANITÁRIAS — Nacionais e inglesas, banheiras, etc.
«SOLCRIS», o preferido estore. «BANDEIRA», expoente máximo de qualidade, acessórios para quarto de banho. GME, GRAHAM JR. & C.ª — TINTA PARSONS

FÁBRICA ÁGUIA
Monteiro e Coteiro, L.da
Telefone, 12 — Paramos
Telegramas: ÁGUIA
Apartado, 42
SILVALDE — Espinho

Fábrica de Tapeçaria e Cordoaria
SILVALDE—ESPINHO
Fabrico esmerado de tapetes, capachos, passadeiras, carpetes, etc.
Heliodoro Pereira da Silva & C.ª
Deseja aos seus estimados Clientes e Amigos BOAS-FESTAS e uma Páscoa Feliz

No Aniversário da "Defesa de Espinho,,
MEU PREITO SINCERO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

qualquer outra missão. E porquê, meus Senhores? Porque, enquanto em quase todas as outras acções directivas se trabalha em circulo fechado, restricto e vedado à curiosidade alheia, num jornal o trabalho é público e feito claramente para apreciação de todos, à luz do dia.

Direi mais:—o jornalsinho da Província é ainda de mais dificil factura que os grandes quotidianos, pois que, enquanto estes vivem dos grandes títulos, bem estudados por especialistas, hábeis no realçar às vezes certa prosa oca e disfarçada, o jornal da Província, tem de se servir de assuntos sérios, com texto e títulos honestos, alheios como estão aos grandes «trusts» que dirigem o Mundo a coberto exactamente das parangonas, títulos e sub-títulos bem estudados.

Quer dizer que eu, por exemplo. quando leio um jornal como a «Defesa de Espinho» ou outro qualquer semanário de Província, estou tranquilo e não ponho, como para ler os grandes quotidianos, o meu microscópio cerebral em acção, para ver o que está por trás dos títulos, das fotografias e das colunas.

Saúdo, pois, mais uma vez, Benjamim Dias como um obreiro dos mais eficientes que Espinho tem tido ao seu serviço, doutrinando, aconselhando a apontando tudo quanto possa ser útil à nossa terra.

Nesta ordem de ideias e de trabalho, lá voltou ele à causa da mudança da linha férrea. Poderá não agradar a toda a gente, mas um jornalista que se presa tem que ver sòmente o bem geral e mais nada. O problema das linhas férreas é agora o primeiro para Espinho, depois da defesa marítima, em vias de conclusão graças à tenacidade e boa vontade do Sr. Ministro das Obras Públicas.

Estou certo que a costumada persistência de Benjamim Dias fará também com que o Sr. Ministro das Comunicações resolva chamar a si, num sentido de efectivação, o problema da mudança das linhas, para o traçado que não estorve a expansão da nossa terra, tolhida nos seus movimentos por falta de acção progressiva da C. P.

Como testemunho pessoal em apoio à causa que Benjamim Dias defende desde há longo tempo, devo dizer que o que mais me aborrece, quando aí vou, são essas manobras impeditivas do trânsito, feitas pelos comboios em pleno centro do lindo burgo Espinhense, e esses apitos impiedosos que causam nervos a toda a gente, mormente aos banhistas e forasteiros e até às crianças. Minha filhinha um dia disse-me que não gostava de Espinho por causa dos apitos, aliás o mesmo que me têm dito pessoas amigas minhas, de Lisboa, unânimes em condenar o estorvo e o barulho do material ferroviário no coração da vila.

Longa vida, pois, a Benjamim Dias e ao seu jornal para prosseguir nesta e noutras campanhas salutares em prol da nossa terra, com aquela elegância, equilíbrio e inteligência que ele e o seu corpo redactorial têm sabido manter.

Lisboa, Março de 1951.

António Alves Dias

Escritores Portugueses

TEIXEIRA GOMES

O Algarve, diz-se, com real fundamento, que é a terra de poetas, terra de artistas.

A adição já vem de longe e deve mesmo perder-se nos tempos lendários das mouras encantadas. . a brandura do seu clima, a florescência da suap afsagem, a policromia deslumbrante reflectida nos mil e um efeitos dum sol fantasiste, tudo embebe de poesia a mais individual das províncias portuguesas.

O Algarve precisava de um escritor que soubesse surpreender e plasticizar o mistério das suas cores. E esse paisagista surgiu um dia e chamou-se Manuel Teixeira Gomes.

Nasceu esse notável estilista em Portimão, em 1862. Aqui registamos alguns dos seus dados biográficos.

Depois de estudar preparatórios no Seminário de Coimbra, matriculou-se na Universidade que depressa trocou pela vida buliçosa da capital. Aqui cedo se relaciona com alguns homens lustres das letras do tempo e mais intimamente com João de Deus e Fialho de Almeida. Mudando depois de residência para o Porto onde igualmente acamaradou com os maiores vultos de artistas do meio — ali fundou um pequeno jornal, consagrado à vida teatral, ao mesmo tempo que colaborava na "Folha Nova", no "Primeiro de Janeiro", além doutras gazetas e revistas. Voltando, mais tarde, a Portimão, ali junto de seus pais, se consagrou, e com apreciável êxito, à indústria, enquanto que impelido pelo seu espírito requintado e ávido de culturas, viajava pela Europa, nos momentos de ócio das suas actividades comerciais.

Dessas repetidas peregrinações, no estrangeiro, trouxe preciosos conhecimentos sobre a vida artística.

São desse período de fecunda actividade mental os vulumes: *Inventário de Junho, Cartas sem moral nhenhuma* e *Agosto Azul*, além do drama *Sabina Freire*, trabalhos, todos eles, a que a crítica rendeu largos elogios, Depois, envolvido do novo em explorações industriais e agrícolas, pôs a pena temporàriamente de parte, para se ocupar dos seus negócios, o que tudo mais tarde veio a trocar pela diplomacia, onde singularmente brilhou também por influência da sua cultura e da sua natural distinção, ocupando postos dos de mais destaque desse sector da política, entre eles—e por bastante tempo — o de ministro de Portugal em Londres, donde em 1923 o retiraram para ocupar a Presidência da República.

Os desgostos, porém, que a política lhe trouxe e o seu feitio avesso às lutas de facção levaram-no a renunciar voluntàriamente o cargo antes de terminado o mandato, retirando-se logo de seguida para a Argélia, na cidadezinha do Bougie, onde viveu, em total isolamento, até à sua morte, verificada em Outubro de 1941.

Fundamentalmente artista, como o classificou Aubrey Bell, Teixeira Gomes na definição de outro crítico, Philéas Lebesgue "é um homem que sabe ver, que adora observar-se a viver no meio das coisas e dos seres e a quem o movimento de luz embriaga.

Em verdade, pelo seu amor à sinceridade em arte, ao tom preciso, à arte viva, ele, é realmente, o precursor dos artistas moços, tendo-lhes aberto o caminho".

Depósito de Materiais de Construção Civil e Drogaria
CONSTRUÇÕES CIVIS
V.ª de José de Brito Paula
Deseja aos seus estimados Clientes e Amigos BOAS-FESTAS e uma Páscoa Feliz.
Rua Dezanove, 450-460
Telefone 16-(P. F.)
ESPINHO-PRAIA

A duas simpáticas irmãs observando-lhes que se trata de pura fantasia

AS DUAS IRMÃS

(CONTO)

SOBRANCEIRO à aldeia, ergue-se majestoso o Monte Crastro, nome que lhe vem de tradição antiga, segundo a qual existira ali um castro romano dos tempos das invasões da Península. Para se subir ao cume, é o viajante obrigado a escalar a custo as encostas escalvadas, até atingir as regiões férteis da altura, abundantes em pinhais odorentos de resina, campos matizados das mais belas flores e carvalhos gigantescos proporcionadores de sombras convidativas, etc.

Lá, bem do alto, de cabelos desgrenhados por forte ventania e experimentando vertigens, goza o viajante uma encantadora vista panorâmica.

Ao sul surge aos nossos olhos o negrume indefinido duma densa serrania, cujos cimos vistos ao longe dão a impressão de dentes duma enorme serra. Do lado dos restantes pontos cardiais a paisagem é algo variada. Aqui um bucólico rio correndo saltitante entre duas margens de vegetação luxuriante, ali campos de trigo e milho a perderem-se de vista, acolá o casario branquejando ao sol, além as toscas velas dum moinho girando com graciosidade, embaladas pelo vento.

Pois, no cimo do Monte Crastro lá está a velusta *Quinta das Ermidas*, a meio da qual se ergue um edifício acastelado, cercado de todos os lados por uma verdadeira floresta com as mais belas e entroncadas árvores, que nos fornece a natureza, floresta flanqueada aqui e ali por extensos campos e espaçosas avenidas.

No velho palácio, construido há séculos, segundo um estilo a lembrar as eras medievais, morava o Dr. Mascarenhas, figura respeitável de fidalgo, e as suas filhas, pois a santa companheira há muito que voara para a eternidade. As duas filhas Rosa e Helena eram toda a sua vida, tal o carinho que o venerando velho lhes dispensava. E, na verdade, não poupara nunca esforços para cuidar da sua educação esmerada.

As duas irmãs, como eram vulgarmente conhecidas, eram bem diferentes no aspecto físico e no temperamento.

A mais velha, a Rosa, era uma bela rapariga de olhos castanhos, cheios de brilho, cabelos negros, sedosos e fortes, faces córadas de saúde, nariz finamente pronunciado e boca a abrir-se num sorriso amplo e sincero, mostrando uma nívea fileira de dentes. Era dotada de espírito folgazão, temperamento naturalmente bondoso e sincero, o que lhe grangeava a estima geral da gente da aldeia, e de elevada inteligência. A mais nova, a Helena, era uma loira desbotada, de faces macilentas, olhos verdes maldosos, feições ásperas, nariz trocista. Era o oposto da irmã, com um temperamento vingativo, servida por uma inteligência medíocre, odiava a inteligência e a alegria da Rosa. Defeito talvez da educação.

Concluídos brilhantemente os estudos, a Rosa enamora-se dum jóvem médico, o Dr. Alvaro e, passados meses, casa-se no meio duma faustosa boda. A Helena, desde há muito despeitada pela sorte da irmã, nada conseguindo para o seu esforço, no geito das pessoas fracas, resolve tirar a mais ampla desforra. E espreita a oportunidade, que acaba por surgir.

Assim, um belo dia, a Rosa vai à cidade efectuar umas compras. Fica em casa a Helena e o Dr. Alvaro, que esta vinha tentando desde há tempos com os seus encantos femininos.

Como a irmã dissera demorar-se uns dias na viagem, a Helena tenta pela vez derradeira o cunhado, convidando-o para um passeio à serra. Dr. Alvaro ainda protesta, mas acaba por se curvar diante da graciosidade da fêmea. E, ao fim da tarde, lá rodam num bonito «Buick» do último modelo.

Entretanto, Rosa, não sei porquê, tem um presentimento de desgraça que se avizinha. Interrompe a viagem e apressa o regresso.

Chega atabalhoadamente ao velho palácio. E' já noite.

Acorda toda a gente. Pergunta com precipitação aonde está o marido. Respondem-lhe que saiu de automóvel com a irmã.

Estala dentro de si e transparece exteriormente a sua não contida revolta. Mas acalma-se. Manda todos retirarem-se. Só fica ela à espera dos dois fugitivos, sentada no quarto da irmã, de pistola em punho.

No palácio reina o maior silêncio e escuridão, apenas interrompido pelas inundações da luz dos relâmpagos e do ribombar dos trovões. Cá fora fustiga a natureza uma violenta tempestade, com o vento sinistro a uivar.

A noite vai adiantada. Ouve-se o ruído do motor dum automóvel que chega.

A Rosa vai à janela. E' a Helena e o Dr. Alvaro que voltam. Ela, a bondade em pessoa, resolve matar os faltosos e espera, calma e friamente, ao fundo do quarto.

Há portas que se abrem, o ruído do subir escadas, passos que se aproximam através do corredor e finalmente uma chave a abrir a porta do quarto.

Abre-se a porta e surgem no escuro dois vultos. A luz dum relâmpago inunda o quarto e a Rosa pode ver frente à frente a irmã Helena e o seu marido Dr. Alvaro, de faces lívidas de terror.

Com frenesi aponta a arma. Ouvem-se dois tiros e há dois corpos que baqueiam.

Vira agora a pistola, ainda fumegante, contra si. Vai disparar. Porém, um pensamento que dura uma fracção de minuto impede-a do suicídio. Atira com a arma fora. E sai lentamente do quarto.

De fronte abatida, vai arrastando-se a custo pelo imenso corredor fora. A voz do sangue parece gritar-lhe a cada instante e cada vez com maior intensidade.

Chegada ao seu quarto, não pode mais e desata num choro largo e convulso. E' um coração que chora.

Cá fora assobia o vento ciclónico, arrancando árvores na sua marcha de expresso. Continua o ribombar dos trovões. Uma noite de borrasca.

* * *

No dia seguinte à tragédia, a pobre Rosa, toda cheia de dor, apresentou-se na Polícia, onde teve só esta frase! — *Eu sou a Criminosa!*

Remetida ao Tribunal, causou enorme espanto a sua recusa de ter advogado de defesa, por ela se considerar ré e defensora de si mesma.

E' condenada ao degredo, aonde passou alguns anos da sua existência, lamentando a morte de dois entes queridos.

* * *

Um dia recebe a ordem de liberdade.

Rosa sai da cadeia, já completamente alheia a este mundo, e, passados uns meses, lá parte para a grande viagem da eternidade, expiada já a culpa.

Lá foi a enterrar-se junto da irmã e do marido.

* * *

Passados muitos anos, todos os dias, ao fim da tarde, quando o sol na linha do horizonte se despede da terra até ao outro dia, um velho mesmo muito velho, de cabelos brancos, mal podendo arrastar-se, entrava no cemitério e lá ajoelhava-se diante da campa, aonde dormem o sono eterno a Rosa e a Helena.

Depois de ali pôr um molho de cravos brancos com imenso carinho, ali permanecia horas e horas a falar com as duas filhas.

Havia na aldeia quem dissesse que já tinham ouvido elas a responder.

Na verdade, naquela sepultura, toda branquinha e florida, julgava ver as fotografias a movimentarem-se, como se fossem a valer Rosa e Helena, as duas irmãs tão designais na vida e tão iguais na morte.

Mário Fernando

CASA DAS FAZENDAS
JOSÉ MIGUEL
RUA 20 N.º 451 ESPINHO TELEFONE, 380
JUNTO AOS PAÇOS DO CONCELHO
As mais recentes novidades em casimiras para a estação de verão tecidos próprios para senhora que acabam de chegar. Tecidos, de algodão, camisolas, gabardines, cobertores, carpetes, etc.
PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

PRÉDIOS
QUINTAS
TERRENOS
O único caminho para uma resolução firme e exacta na compra ou na venda é fazê-lo por intermédio do Agente Predial **NAPOLEÃO DOMINGOS DA SILVA.** As transacções já realizadas confirmam de dia para dia a sua honestidade e competência.
Rua 8-757—Telefone 354
ESPINHO

Espinho antigo

A primitiva Capela de N.a S.a D'Ajuda

Este humilde templo que já existia em 1801, foi mais tarde ampliado e elevado à categoria de Igreja paroquial que o mar destruiu em 1904.

Ficava no extremo norte do amplo Largo da N.a S.a d'Ajuda Destruida completamente depois de ter sofrido várias mutilações na capela mor, reedificada em menores porporções noutro sitio do mesmo largo até que este foi também completamente engolido pelo Oceâno.

Ao lado vê se a casa onde primitivamente se instalou a Câmara Municipal, após a criação do Concelho, e de onde transitou para a antiga Rua Bandeira Coelho, hoje 19, (Marechal Carmona), no prédio onde actualmente está instalada a Farmácia Higiene e o estabelecimento Pinto Moreira.

Na referida casa esteve também instalada a filial do Hotel Universal, cuja séde era noutro prédio do mesmo Largo.

CAFÉ AVENIDA
—UM BOM CAFÉ—
Av. 8 — Telef. 111 — ESPINHO

Defesa de Espinho

Vende-se no Quiosque Reis, nas tabacarias do Café Moderno e da Praça.

LEDE, PROPAGAI E ASSINAI O NOSSO JORNAL

Café Restaurante COSTA VERDE
O melhor das Praias Portuguesas
Sob a gerência dos antigos proprietários do Café Chinez
Serviço de Banquetes
Portos de Honra
Pratos Regionais
TELEFONE, 343
ESPINHO